



A TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA (TCI) E O INÉDITO VIÁVEL DO PENSAMENTO FREIRIANO

Autoria: Maria Lucia de Andrade Reis¹
Maria da Graça Pedrazzi Martini²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo descrever um breve histórico e os pressupostos teórico-metodológicos da Terapia Comunitária Integrativa (TCI), bem como abordar a presença do pensamento freiriano em sua estrutura e método, buscando os pontos de aproximação entre as duas abordagens. Para tanto, utilizamos o recurso da revisão bibliográfica de Paulo Freire e Terapia Comunitária Integrativa, para localizar os pontos de convergência das duas propostas. Nessa leitura, destacamos alguns pontos de interconexão, como: a circularidade e a horizontalidade da comunicação, a problematização como princípio pedagógico, a valorização dos recursos pessoais e das raízes culturais e o “inédito viável”. Em síntese, a TCI é a tradução da pedagogia do oprimido e da pedagogia da autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Comunitária Integrativa. Paulo Freire. Inédito viável.

Terapia Comunitária Integrativa: Histórico

Nesse artigo buscamos abordar a presença do pensamento freiriano na estrutura e no método da Terapia Comunitária Integrativa (TCI). Para isso, inicialmente apresentaremos um breve histórico e os pressupostos teórico-metodológicos da TCI, buscando os pontos de aproximação entre essas duas abordagens.

1. A Terapia Comunitária Integrativa surgiu na década de 1980, com Adalberto de Paula Barreto, médico, teólogo, antropólogo, professor do Departamento de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC). Barreto ao se deparar com a falência da saúde a partir do modelo biomédico, propõe um olhar complementar, numa perspectiva do cuidado solidário. Partindo das seguintes indagações norteadoras:

¹Terapeuta Comunitária. Coordenadora Pedagógica do Polo Formador Instituto CAIFCOM/RS. Doutora em Terapia Comunitária Integrativa. coordenatci@caifcom.com.br

² Terapeuta Comunitária. Coordenadora Pedagógica do Polo Formador Movimento Terapêutico Graça Martini/PR. Doutora em Terapia de Família e Casal. gracapedrazzi@gmail.com



- como sair de um modelo que gera dependência para autonomia?
- como romper com a concentração da informação pelo técnico e fazê-la circular para que todos possam dela se beneficiar?
- como resgatar o saber dos antepassados das diferentes culturas identitárias do povo brasileiro e das competências adquiridas pela própria experiência de vida?

Barreto tinha como desafio construir uma ação transformadora significativa não alienada da pessoa, ajudá-la a acreditar em si, levar em conta as competências de cada um.

Com isso, enfrentou momentos desafiadores enquanto psiquiatra, ao sair do autismo institucional, como ele mesmo se referiu na época, do isolamento das universidades em relação ao sofrimento e a realidade das comunidades mais vulneráveis. Ir à comunidade, ouvir o sujeito numa visão sócio-histórico-cultural, não era uma prática na época. Essa visão do sujeito como ser integral está em oposição ao modelo biomédico, que parte da medicalização e vê o sujeito apenas como corpo biológico. A TCI nasce no contexto de falência desse modelo de medicalização, a partir da reflexão que o sujeito é compreendido em suas múltiplas dimensões, fazendo-se necessário e emergente o surgimento de práticas que promovam um diálogo entre o sujeito e a sua própria saúde, onde cada sujeito passa a ser doutor da sua própria dor.

Essa proposta metodológica rompe com o pensamento linear de causa e efeito das doenças, passando a estabelecer uma visão sistêmica do processo de saúde. Com essa visão e o objetivo de colaborar com as pessoas em sofrimento psíquico, nasceu o embrião do que seria mais tarde a Terapia Comunitária Integrativa. O advogado Airton de Paula Barreto, irmão de Adalberto, que desenvolvia um trabalho no Centro de Direitos Humanos, na comunidade de Pirambu, cidade de Fortaleza, Ceará, se deu conta de que as queixas da comunidade eram mais emocionais e sofrimento psíquico, gerados pelo tráfico, exclusão e abandono social. Airton Barreto, em sua sensibilidade para além da advocacia, convidou seu irmão Adalberto Barreto para realizar um trabalho nessa comunidade. O desafio foi aceito e, com seus alunos do curso de Medicina da UFC, chegaram até a comunidade e, embaixo de um pé de Cajueiro (figura 1), começaram a ouvir a comunidade. A TCI nasce a partir de um olhar



sistêmico sobre a exclusão e o abandono, promovendo um espaço seguro, horizontal, circular e democrático de diálogo e escuta amorosos.

Figura 1: Primeiras Rodas de TCI



Fonte: Giffoni, 2007.

1.1 Pressupostos teóricos

A TCI foi se alicerçando a partir da prática e, a cada encontro estruturava mais profundamente seus pilares, ainda de forma intuitiva.

A Terapia Comunitária Integrativa é uma síntese de toda a minha formação, que inclui conceitos de filosofia, teologia, além dos conhecimentos médicos, psiquiátricos, antropológicos, adquiridos nas diversas formações que fiz (BARRETO *Apud* GIFFONI, 2010, p.120).

Seus pilares teóricos foram alicerçados no pensamento sistêmico, na teoria da comunicação, nas raízes culturais/antropologia cultural, na resiliência e na pedagogia de Paulo Freire. A abordagem sistêmica nos convida a ampliar o nosso olhar e a incluir o contexto para compreender a história trazida pelo protagonista na roda de TCI, com isso perceber a pessoa imersa no seu conjunto de relações com a família, a comunidade, a sociedade e com seus valores e crenças.

A Pragmática da Comunicação Humana traz as cinco regras básicas da comunicação, enfatizando que todo sintoma tem valor de comunicação, expressa num



ditado popular, utilizado nas rodas de TCI: “Quando a boca cala, o corpo fala. Mas quando a boca fala, o corpo sara” (BARRETO, 2008).

Acolher e valorizar nossas raízes culturais possibilita um movimento de libertação, para poder caminhar sem mágoas ou ressentimentos em relação à própria história familiar. Possibilita, ainda, o sentimento de pertencimento, quando encontro o meu lugar: primeiro dentro de mim, depois na minha família, na comunidade e na sociedade.

Da Resiliência, aprendemos que a dor gera competência e podemos transformar nossas feridas em lindas pérolas.

Este conceito foi importado pela Psicologia e tem sido utilizado como a capacidade de adaptação humana de enfrentar adversidades sucessivas. A Resiliência pode ser pensada, ainda, como a capacidade de adaptação ou faculdade de recuperação (MARTINI, 2019, p. 151).

Barreto afirma que

O maior patrimônio de uma pessoa é a confiança em si. Quando ela perde essa confiança por agressões contextuais, por uma educação repressora ou desvalorizadora, ela perde o seu bem maior e passa a não acreditar mais em si, nos outros e no futuro (*Apud* MARTINI, 2019, orelha do livro).

E da pedagogia de Paulo Freire, a ação-reflexão-ação que ocorre em cada roda possibilita o empoderamento da comunidade e da equipe que conduz a roda de TCI.

Fundamentada nesses pilares, a TCI surge como uma metodologia capaz de construir redes de afeto, de vínculos e fortalecimento da potência da comunidade e de seus atores, onde cada um é capaz de transformar a sua própria história.

Ressalte-se que a Terapia Comunitária Integrativa iniciou sua trajetória de expansão, por meio da articulação dos terapeutas comunitários capacitados por Adalberto Barreto e, em 1º de maio de 2004, durante o II Congresso Brasileiro de TCI, realizado em Brasília, onde criou-se a Associação Brasileira de Terapia Comunitária Integrativa – ABRATECOM. A partir daí, passou a regulamentar sobre a Capacitação em TCI, realizada por meio de sua rede credenciada de Polos Formadores. Outra ação importante, fruto dessa caminhada, foi a parceria firmada por meio de convênios com órgãos públicos para capacitar em TCI profissionais da saúde e lideranças comunitárias, como o Convênio com a Secretaria Nacional de Políticas de Drogas



(SENAD), em 2005 (BARRETO, 2008) e com o Ministério da Saúde, em 2008, 2009 e 2013 (REIS, 2017).

Como consequência de toda essa movimentação, a partir de março de 2017 o Ministério da Saúde incluiu a Terapia Comunitária Integrativa na categoria de suas atividades da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, do Sistema Único de Saúde, sendo a única prática genuinamente brasileira. Atualmente a TCI é uma das práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) mais procuradas no SUS, ocupando a terceira posição entre as atividades oferecidas na Atenção Primária em Saúde, sendo superada somente pelas práticas milenares como as Práticas Corporais da Medicina Tradicional Chinesa e Plantas Medicinais/Fitoterapia (SISAB/DATASUS, 2021).

Vale destacar que para conduzir rodas de TCI é necessário passar pela Capacitação oferecida por um Polo Formador, integrante da Rede ABRATECOM. Desde 2013, a Capacitação em TCI possui uma carga horária de 240h/a, assim distribuídas: 50h/a, destinadas aos módulos teórico-práticos; 50h/a, destinadas às vivências terapêuticas que têm por objetivo trabalhar a pessoa do terapeuta comunitário; 80h/a, destinadas aos encontros de Intervisão e 60h/a destinadas ao Estágio Prático, correspondendo à condução de trinta rodas de TCI. A partir de 2020, com a experiência vivenciada durante a pandemia da Covid-19, foi regulamentada a **Capacitação em TCI na modalidade híbrida**, com a mesma carga horária (240h/a), abrindo a possibilidade para que a carga horária total destinada aos Módulos Teórico-práticos (50h/a) e aos Encontros de Intervisão (80h/a) possam acontecer no **formato on-line, de modo síncrono**. Em relação à carga horária destinada ao Estágio Prático, abriu-se a possibilidade para que os terapeutas comunitários em formação possam realizar até **15 rodas de TCI** de forma virtual (**30h/a**). As Vivências Terapêuticas, em sua totalidade (50h/a), continuam somente no formato presencial.

1.2 Metodologia da TCI

É um espaço comunitário onde se procura partilhar experiências de vida e sabedorias de forma horizontal e circular. Cada um torna-se terapeuta de si mesmo, a partir da escuta das histórias de vida que ali são relatadas (BARRETO, 2008, p. 38).



A Terapia Comunitária Integrativa é conduzida, em geral, por uma equipe de até três terapeutas comunitários e é desenvolvida em seis etapas: Acolhimento, Escolha da Inquietação, Contextualização, Partilha de Experiências, Encerramento e Apreciação.

1ª. etapa – Acolhimento: começa com a preparação do espaço onde a roda de TCI acontecerá, de modo a favorecer que a comunidade se sinta confortável e segura para narrar suas histórias. Tem a duração média de sete minutos e possui os seguintes procedimentos:

- *Boas-vindas e apresentação da equipe:* o terapeuta comunitário dá as boas-vindas aos participantes e apresenta a equipe que irá conduzir a roda.
- *Definição da TCI e suas regras:* explica o que é a Terapia Comunitária Integrativa, destacando que é um espaço de partilha de experiências de vida e não um lugar para o debate de ideias. Para que a roda flua num clima de respeito e amorosidade deve-se seguir as regras: 1ª - fazer silêncio, para se escutar quando o outro fala de si; 2ª - falar na primeira pessoa; 3ª - não analisar, não dar conselhos, não interpretar e não julgar e 4ª - a qualquer momento da roda, os participantes podem trazer os recursos culturais, como um trecho de uma música, poesia, ditados populares ou piadas.
- *celebração da vida:* esse é um momento importante na roda, quando o grupo é convidado a trazer algo para celebrar, um aniversário ou uma conquista. É a hora de trazer as notícias boas!!!
- *“dinâmica de aquecimento”:* também chamada de brincadeira de criança, pois não se trata de uma dinâmica de grupo. São utilizadas brincadeiras cantadas, com gestos e movimentos corporais, que possibilitam a interação do grupo. Recomenda-se que seja breve e divertida. Em seguida, o terapeuta comunitário passa a palavra para quem irá dar sequência à condução das próximas etapas.

2ª. etapa - A Escolha da Inquietação: tem a duração média de dez minutos e possui os procedimentos, descritos a seguir.

- *Palavra do terapeuta comunitário:* o terapeuta comunitário estimula a fala da comunidade, por meio das seguintes perguntas: por que é importante falar e do que se fala na roda de TCI? Na sequência, lembra à coletividade que, por



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

estarmos em um espaço público, não sejam trazidos segredos, pois diferente de uma psicoterapia, não existe a regra do sigilo.

- *Apresentação das Inquietações/situação-problema:* após essa fala introdutória, abre espaço para que as pessoas tragam as suas inquietações cotidianas.
- *Restituição:* a cada inquietação apresentada, restitui-se para que haja uma sintonia entre o que foi dito e o que foi compreendido, lembrando que o foco da inquietação deve ser o sentimento e não o fato em si.
- *Identificação:* esse é um momento extremamente importante, pois é um pretexto pedagógico onde as pessoas aprendem a justificar as suas escolhas. Na roda justifico o porquê escolho a inquietação A ou B, nas eleições justifico minha opção pelo candidato C ou D.
- *Votação:* na sequência, o grupo é convidado a votar em apenas uma das inquietações da roda, lembrando que não há uma inquietação mais importante do que a outra, mas sim a que me tocou, a que mais ressoou na minha história. Mais uma vez a roda de TCI possibilita um momento de aprendizado. Se na identificação aprendo a justificar minhas escolhas, na votação aprendo a me posicionar, defender meu espaço, meu ponto.
- *Agradecimento:* concluída a votação, o terapeuta comunitário agradece a todas as pessoas que trouxeram suas inquietações, reforçando que nas rodas de TCI só aprofundamos uma inquietação, aquela escolhida pelo grupo a partir da ressonância individual e coletiva. A equipe coloca-se à disposição, ao final da roda, para orientações e encaminhamos, caso seja demandado pelas pessoas que não tiveram as suas inquietações escolhidas.

3ª. etapa – Contextualização: com uma duração média de quinze minutos e possui os procedimentos:

- *Informações:* momento em que a pessoa que teve sua inquietação escolhida traz mais informações a esse respeito. O terapeuta comunitário passa a palavra para o protagonista da roda, lembrando aos participantes que todas as pessoas podem fazer perguntas para compreender melhor a repercussão da inquietação em sua vida. Além dessa orientação, o grupo é convidado a trazer os recursos culturais, seja o trecho de uma música ou de uma poesia, um ditado popular ou piada.



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

- **Construção do Mote:** “Para construir o Mote é fundamental “abrir a escuta”, ou seja, desenvolver a escuta ativa, observar e anotar as palavras-chaves, pois cada uma delas sugere um Mote e o terapeuta comunitário deve estar atento a elas” (MARTINI, 2012, p. 224). Barreto (2008) nos apresenta duas possibilidades de Mote: 1 – Mote Coringa: é feito por meio da pergunta “Quem já viveu algo parecido e o que fez para superar?” e 2 – Mote simbólico/Específico: nesse tipo de Mote, o terapeuta comunitário foca em uma das emoções e/ou sentimentos que o protagonista relatou em sua fala. Um exemplo: “Quem já se sentiu traído e o que fez para superar?” Acrescentamos outra possibilidade de Mote, denominada Mote Misto, que é uma mistura entre o Coringa e o Simbólico/Específico. Ele é construído a partir de uma pequena editoração da história do protagonista feita pelo terapeuta comunitário, utilizando as diferentes palavras-chaves registradas durante a etapa anterior. Exemplificando: a história da Dona Maria nos fala sobre o sentimento de culpa, de dívida, de sacrificar-se pelo outro. Quem já passou por algo parecido e o que fez ou o que está fazendo para superar?
- **Conotação positiva:** o terapeuta comunitário agradece ao protagonista, em primeiro lugar, por ter possibilitado que cada participante revisitasse sua história ao ouvir a sua narrativa. Em seguida, destaca e valoriza os recursos utilizados para enfrentar o que tem lhe causado sofrimento.

4ª. etapa – Partilha de Experiências: tem a duração média de até 30 minutos. Possui os seguintes procedimentos:

- **Lançamento do Mote:** A função do Mote é sair do particular, do unitário e ir para o universal, para o comunitário. Para isso o terapeuta comunitário lança a pergunta/Mote ao grupo. Deve repetir o Mote, após a escuta de cada partilha.
- **Partilhas da Comunidade:** ao ouvir o Mote, a comunidade é convidada a apresentar seus recursos para superar as adversidades da vida, apresentadas na pergunta/Mote. Encerradas as partilhas, passa a palavra para o terapeuta comunitário que irá conduzir a próxima etapa.

5ª. etapa – Encerramento ou Conclusão: tem a duração média de dez minutos e possui três procedimentos.



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

- **Formação da Roda:** o terapeuta comunitário convida a comunidade a ficar de pé e formar uma grande roda, ombro a ombro, apoiados em um abraço comunitário, fazendo um leve balanço, ao som da música, cantada pelo terapeuta comunitário: *“Tô balançando, mas não vou cair. Tô balançando, na minha vida, tô balançando, mas não vou cair.”*
- **Ritual de agregação:** novamente, agradece ao protagonista, reforçando e valorizando seus recursos pessoais e culturais para o enfrentamento da dor apresentada. Traz para o grupo, de forma sintética, as estratégias de superação, apresentadas pela comunidade na etapa anterior.
- **Partilha do vivenciado da Roda:** o grupo é convidado a compartilhar o seu aprendizado a partir da pergunta feita pelo terapeuta comunitário: *“o que eu vou levando, o que aprendi, que lições eu tirei a partir das histórias que eu ouvi na roda?”*

A roda termina com o terapeuta comunitário agradecendo a presença e fazendo o convite para retorno no próximo encontro. Nesse momento inicia-se a construção dos vínculos comunitários. A riqueza de ser terapeuta comunitário é tornar-se desnecessário, o que é vivenciando nesse momento pós-roda, onde a comunidade é a tecelã de novas redes de apoio e de afeto.

6ª. etapa – Apreciação da roda: *tem a duração média de trinta minutos e possui os procedimentos descritos abaixo.*

- **Orientações e Encaminhamentos:** neste momento, a equipe de terapeutas comunitários fica à disposição para orientações e encaminhamentos, conforme a necessidade da comunidade.
- **Apreciação:** num local privado, a equipe inicia a apreciação, destacando o que faria novamente, o que faria diferente e quais as providências para a próxima roda.
- **Registro da roda:** a equipe de terapeutas comunitários deve reservar um tempo para o registro das rodas, preferencialmente seguindo o roteiro descrito no Livro *Terapia Comunitária Passo a Passo* (BARRETO, 2008).

Este texto introdutório teve por intuito contextualizar o processo de criação da Terapia Comunitária Integrativa e apresentar seus pressupostos teórico-



metodológicos para, então, iniciarmos a busca de pontos de aproximação entre a TCI e o pensamento de Paulo Freire.

2. Paulo Freire e a TCI

Posso não ter explicado, como faço agora sua pedagogia do oprimido dentro do meu trabalho, mas quem pode duvidar de que a pedagogia da TCI seja a pedagogia do oprimido? (BARRETO, 2008, p. 279).

Os conceitos de Paulo Freire entram como um dos Pilares que sustentam a metodologia da TCI, trazendo a superação da “consciência ingênua” e construindo um movimento que promove sujeitos com consciência crítica e reflexiva, de forma que a própria comunidade aprenda a se mobilizar para agir em prol dela mesma.

Quem é Paulo Freire? E por que ele entra como pilar na Terapia Comunitária Integrativa? Quais são as suas contribuições para essa metodologia de trabalho em comunidade? Essas são questões que iremos abordar a seguir.

2.1 Paulo Freire como pilar da Terapia Comunitária Integrativa

A dimensão pedagógica da TCI tem influência de Paulo Freire sim, mas só vim me dar conta disso depois de três ou quatro anos de trabalho, quando comecei a sistematizar o suporte teórico para ministrar um curso de formação em TCI patrocinado pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) (BARRETO *Apud* GIFFONI, 2010, p. 121).

Paulo Freire, patrono da educação brasileira desde 2012, é considerado o mais importante educador brasileiro, pois sua pedagogia vai além do método de alfabetização de jovens e adultos, trazendo contribuições para todos os níveis da educação, desde a mais tenra idade até o ensino universitário. E o seu pensamento ultrapassa as fronteiras da educação, sendo uma referência também em diferentes áreas, como a saúde, o serviço social, os direitos humanos, entre outras. Uma marca de seu pensamento é a simplicidade e amorosidade, expressa na frase: “Eu gostaria



de ser lembrado como a pessoa que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida”³.

2.2 Metodologia da TCI e Metodologia Freiriana

O quadro abaixo apresenta, de forma sintética, uma comparação entre as duas metodologias.

Quadro 1: comparação entre as metodologias da TCI e Freiriana

Metodologia da TCI	Metodologia Freiriana
<i>Escolha da Inquietação:</i> os participantes são convidados a falar, de forma sucinta, qual é a sua inquietação, o que está gerando preocupação. Após a exposição, o grupo elege aquele que será escolhido para ser aprofundado no encontro do dia.	<i>Investigação:</i> busca conjunta entre professor e estudantes das palavras e temas mais significativos da vida do aluno, dentro do seu universo vocabular e da comunidade onde ele vive.
<i>Contextualização:</i> a pessoa que teve a inquietação escolhida apresenta mais detalhes sobre a situação, e os participantes podem fazer perguntas para melhor compreensão da inquietação apresentada. Esse momento é importante para que todos possam refletir e reorientar o pensamento. Durante essa fase, o terapeuta comunitário fica atento para as palavras-chave que surgem nas falas, pois elas serão relevantes na construção do Mote.	<i>Tematização:</i> momento da tomada de consciência do mundo, por meio da análise dos significados sociais dos temas e palavras.

³Fonte: Paulo Freire contemporâneo. **Documentário**. 7 dez. 2015 Tempo: 53:02. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5y9KMq6G8I8&t=63s> Acesso: 27/07/2022



<p>O Mote é uma pergunta feita pelo(a) terapeuta comunitário(a) que irá permitir a reflexão do grupo durante a roda, momento que se passa da dimensão individual para dimensão coletiva.</p>	
<p><i>Partilha de Experiências:</i> o grupo é convidado a partilhar suas experiências, a partir do Mote colocado - quem já viveu algo parecido e o que fez para superar? Nesse momento, a pessoa que teve sua inquietação escolhida escuta as diferentes possibilidades de enfrentar uma mesma situação, conforme o que cada participante vai relatando. Esta etapa, embora se apresente como uma colheita de estratégias de superação para a dificuldade contextualizada, favorece uma ampliação de consciência de que nossos êxitos decorrem de nossa ação situada no mundo. Assim, contribui para a problematização de nossas limitações, possibilitando inéditos viáveis.</p>	<p><i>Problematização:</i> etapa em que o professor desafia e inspira o aluno a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada.</p>

Essa aproximação entre as duas metodologias, descritas no quadro comparativo, explicita que nas rodas de TCI vivenciamos uma situação ensino-aprendizagem e a referência é a pedagogia de Paulo Freire. Barreto (2008) cita três ideias centrais do pensamento freiriano, que serão detalhadas a seguir, buscando a interconexão entre a roda de TCI e a pedagogia de Paulo Freire:

1^a. - **A circularidade e horizontalidade da comunicação:** na roda de TCI os assentos são organizados no formato circular, para que participantes e a equipe de terapeutas comunitários, possam se olhar “olho no olho”, de forma horizontal. No início



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

da roda, na etapa do Acolhimento, as celebrações da vida podem ser trazidas pela comunidade e pela equipe de terapeutas comunitários. Ainda nessa etapa, as regras são apresentadas e são elas que estruturam a roda de TCI, permitindo que as informações sejam compartilhadas de forma circular, horizontal, amorosa e respeitosa. Na Escolha da Inquietação, as inquietações são trazidas pela comunidade e é ela quem escolhe qual inquietação será aprofundada na roda naquele dia. Portanto, se aproxima do tema gerador em Paulo Freire, que é coletado com a comunidade estudantil. Na etapa da Partilha de Experiências, o protagonismo também é da comunidade e não do terapeuta comunitário, pois é ela a convidada a apresentar seus recursos, suas estratégias de superação para o enfrentamento da inquietação. Assim, tanto o tema gerador quanto a Inquietação, não são trazidos de modo arbitrário, pois como diz Paulo Freire:

Em verdade, o conceito de “tema gerador” não é uma criação arbitrária, ou uma hipótese de trabalho que deva ser comprovada. Se o “tema gerador” fosse uma hipótese que devesse ser comprovada, a investigação, primeiramente, não seria em torno dele, mas de sua existência ou não (FREIRE, 1987, p. 56, grifos do autor).

No Encerramento da TCI, especialmente no ritual de agregação, a comunidade tem a oportunidade de ressaltar as suas aprendizagens e ressignificar as suas próprias histórias, a partir da escuta das partilhas. E, novamente encontramos essa ideia central na etapa da Apreciação da Equipe, onde a palavra circula, de forma horizontal, sem julgamento, sem discursos e sem hierarquia.

2ª.- A problematização como princípio pedagógico: tem um destaque especial na TCI, com uma etapa voltada exclusivamente para este conceito, denominada como Partilha de Experiências que, a partir de uma questão-geradora/Mote, a comunidade é convidada a compartilhar os seus recursos e estratégias de superação para o enfrentamento da “situação-problema”/inquietação, que é trazida pelo protagonista. À medida que as partilhas vão acontecendo, as pessoas vão descobrindo que a “superação das inquietações não é obra particular de um indivíduo, de um iluminado ou de um terapeuta, mas da coletividade” (BARRETO, 2008, p. 288).

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um “sine qua” da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la (FREIRE, 1996, p. 60, grifo do autor).

3ª- A valorização dos recursos pessoais e das raízes culturais: desde a etapa de Acolhimento até o Encerramento da roda de TCI, há uma ancoragem nessa ideia de valorização dos recursos pessoais e das raízes culturais.

Barreto reafirma esse entrelaçamento quando conclui que:

A necessidade de construção da identidade pessoal e coletiva, de estreitamento da relação entre teoria e prática e de valorização dos recursos pessoais e das raízes culturais nos põem a face pedagógica da TCI. E essa face se delinea com os mesmos traços da pedagogia do oprimido e da pedagogia da autonomia. A TCI, como a pedagogia freiriana busca a constituição do indivíduo como sujeito de seu tempo e de seu espaço e como membro de uma totalidade de que pode e deve ser voz ativa. Parte da mesma luta contra o narcisismo individual e o neocolonialismo, usa as mesmas armas da mediação e do diálogo e busca o mesmo objetivo que é a construção de uma consciência crítica. Tais semelhanças se assentam na mesma atitude amorosa constitutiva do educador e do terapeuta comunitário (BARRETO, 2008, p. 290).

Ao adentrarmos mais profundamente no pensamento freiriano encontramos uma categoria que, no ponto de vista das autoras, sintetiza e traduz essa relação entre a Terapia Comunitária Integrativa e a pedagogia de Paulo Freire: **o inédito viável**. Souza e Reis afirmam que

Uma das categorias importantes de Paulo Freire é o inédito viável. Essa categoria traz a ideia da utopia, sonho possível. Para Freire, nós, seres humanos, temos, mal ou bem, ideia de nossos condicionamentos e nossa liberdade. Em determinados momentos de nossas vidas, nos deparamos com obstáculos, barreiras que precisam ser vencidas, denominadas por Freire de "situações-limite". Diante dessas situações, temos várias atitudes: ou percebemos como obstáculo intransponível, ou simplesmente não queremos transpor, ou ainda não sabemos como transpor e vamos nos empenhar para superar. Nessa hipótese, a situação-limite foi entendida criticamente, pois nos sentimos desafiados e queremos agir, rompendo a fronteira entre o ser e o ser mais, idealizada por Freire. Esse é o inédito viável, a utopia possível, pois sabemos que existe, mas só será conseguido através de uma prática transformadora, libertadora, como sonhava Freire (SOUZA e REIS, 2011, p.146, grifo das autoras).

A cada roda de TCI acontecem possíveis e infinitos inéditos viáveis que emergem a partir dos cinco pilares da metodologia:



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

- **Abordagem sistêmica:** amplia o olhar e busca compreender o contexto no qual o protagonista da roda se encontra em seu emaranhamento familiar, profissional, social e/ou pessoal. Nas rodas de TCI, na etapa da Contextualização descrita anteriormente, a equipe de terapeutas comunitários e a comunidade fazem perguntas ao protagonista com a intenção de coletar mais informações a respeito da inquietação escolhida.
- **A comunicação horizontal e circular:** amplia o contexto descrito acima, no qual todos da roda podem fazer perguntas para compreender a dor e o sofrimento do protagonista e clarificar os ruídos de comunicação. Além disso, as perguntas também são feitas com a intenção de gerar dúvidas nas certezas da pessoa que está narrando sua história. Lançando mão de uma metáfora, é como se a pessoa ao entrar na roda trouxesse um copo de água (situação-limite/inquietação), cuja molécula é H₂O. Ao fazermos perguntas, buscamos acrescentar um novo elemento ao que a pessoa está relatando, como se fosse uma nova molécula de oxigênio (H₂O₂). Assim, a pessoa que chega à roda com uma inquietação/ “H₂O” sai com novas possibilidades, metaforicamente como “água oxigenada (H₂O₂). Ao visitar a história do protagonista, por meio das perguntas e das partilhas, todas as pessoas da roda veem descortinar novas perspectivas – o inédito viável.
- **A resiliência:** nela, o protagonista e a comunidade aprendem juntos a transformar “feridas em pérolas”, dor em riso, angústia em esperança e, na perspectiva sociocultural, onde cada pessoa resgata os saberes de seus antepassados e se fortalecem para encontrarem seu lugar dentro de si, na família e na comunidade.
- **Pedagogia Paulo Freire:** e, finalmente o pensamento freiriano, que nos chama a atenção para os inéditos viáveis, possibilitando transformar obstáculos em desafios estimulantes a serem superados.

2.3 Papel do Terapeuta Comunitário e Papel do Educador

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podem aprender ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria (FREIRE, 2015, p. 70).

A postura do terapeuta comunitário que desenvolve a metodologia da TCI promove uma pedagogia do amor desde o acolhimento (1ª. etapa da roda) até o



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

encerramento (5ª. etapa da roda), denominado ritual de agregação. Sem alegria e sem esperança a vida finda, e Paulo Freire nos ensina o caminho consciente do amor, do respeito e da solidariedade praticados nas rodas de TCI.

Podemos fazer uma analogia entre a preocupação de Paulo Freire com a formação do sujeito para a cidadania que visa despertar o sujeito cognoscente, promover a consciência crítica, o professor como ator social e, no caso da TCI, o facilitador de rodas de Terapia Comunitária Integrativa - o terapeuta comunitário - como um ator social. Paulo Freire afirma que o professor deve aprender enquanto ensina,

A conscientização implica, pois que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização é, nesse sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “des-vela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou transformar o mundo que caracteriza o homem (FREIRE, 1980, p. 26, grifos do autor).

Assim acontece também com o terapeuta comunitário que está **com** a Roda de TCI e não **para** a Roda. O terapeuta comunitário aprende e cresce **com** e **na** Roda, se cura e toma consciência de seu lugar ao promover esse espaço de escuta amorosa, *enquanto o outro fala de si eu escuto de mim*, conforme afirma Barreto, de forma recorrente em suas palestras, formações, etc., das quais participam os terapeutas comunitários.

Paulo Freire nos diz que

Ninguém pode conhecer por mim, assim como não posso conhecer pelo aluno. O que posso e o que devo fazer, na perspectiva progressista em que me acho, são, ao ensinar-lhe certo conteúdo, desafiá-lo a que se vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber (FREIRE, 2015, p. 121).

Nas Rodas, a pessoa do terapeuta comunitário segue os passos descritos anteriormente, assim como o professor tem sua grade curricular. Porém, como diz Barreto, “cada um é doutor da sua própria história”, e somente o sujeito sabe de si, por isso uma das regras é não dar conselhos, porque como diz Freire, “ninguém pode



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

conhecer por mim”. Terapeuta comunitário é só um despertador de lembranças, que ajuda o outro a lembrar de si, das suas potências, de seus recursos e de seus valores, promovendo interações e gerando vínculos, tornando-se com o tempo desnecessário para aquela comunidade. Tornar-se desnecessário não é sinônimo de “caixinha de improvisações”, como diz Paulo Freire, mas estar atento às possíveis reflexões e boas perguntas que geram dúvidas e promovem nesse espaço pedagógico uma força de autoconhecimento capaz de transformar realidades, por meio da consciência crítica da comunidade.

Freire fala também de um professor que planeja. O mesmo acontece com o terapeuta comunitário que aprende na capacitação a planejar as suas ações junto com a sua equipe, explorar o território antes de iniciar um grupo, de forma a favorecer o desenvolvimento daquela comunidade. Ou seja, não como alguém que vem ensinar, mas alguém que olha, sente e reconhece aquela comunidade em movimento. Essa percepção de movimento a partir de um olhar sistêmico, que orienta o terapeuta comunitário ao apreciar as rodas que realiza (6ª. e última etapa da roda de TCI - Apreciação).

A Apreciação da equipe, longe se de ser rígida e inflexível, é um espaço para exercitar a auto apreciação, para trabalhar as emoções suscitadas a partir das ressonâncias, de forma segura e tranquila, listando providências para o próximo encontro e levantando estratégias internas para lidar com a imprevisibilidade. Consideramos, portanto, que a exemplo de Paulo Freire - homem, que não se distanciava (**de si mesmo**) do Paulo Freire - educador, assim deve ser a pessoa do terapeuta comunitário aquele que conduz as rodas não deve se distanciar da sua humanidade, pois é esta humanidade que dá sentido ao movimento da roda de TCI. Esta prática de consciência, de autoconhecimento, de postura de vida, mais do que uma metodologia de trabalho em comunidade, é a mola propulsora de transformação da realidade pessoal, familiar e comunitária.

Dando continuidade à nossa analogia entre o educador e o terapeuta comunitário integrativo, destacamos que o terapeuta comunitário se torna um agente de transformação **com** a roda; o contrário disso é autossuficiência, é ser “salvador da pátria” como diz Adalberto Barreto. Ser um salvador é uma intervenção rígida e dogmática na comunidade. O modelo de salvador da pátria é incompatível com uma postura libertadora. Como afirma Paulo Freire



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? ... Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que em comunhão buscam saber mais (FREIRE, 1987, p. 80-81).

Considerações Finais

Podemos considerar que a TCI é uma abordagem terapêutica desenvolvida em comunidade que tem por eixo central a promoção da Saúde. Muito mais do que seu caráter preventivo a TCI promove saúde e bem-estar comunitário. É, portanto, uma técnica de baixo custo e alto impacto muito eficaz na Atenção Primária em Saúde e em Saúde Mental, sendo uma metodologia desenvolvida com o objetivo de promover uma identidade cultural comunitária, de forma que os atores sociais possam encontrar seu lugar e efetivamente ingressarem nos movimentos sociais ligados à defesa dos direitos humanos, à vida e à saúde.

A TCI promove diversos movimentos que geram mecanismos de proteção, prevenção e melhoria na saúde da comunidade e de seus atores. Estes são estimulados à participação social e tornam-se proativos na resolução de suas necessidades.

Em suma, a roda de TCI busca libertar, promover autonomia e tem como princípio ético respeitar as diferenças culturais sem dominação de qualquer ordem. Paulo Freire corrobora com esta discussão quando se refere à educação e a liberdade.

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens (FREIRE, 2013, p. 98).

Paulo Freire dedicou toda uma vida para divulgar uma pedagogia do amor por meio de ações profundas que transformaram e transformam a vida das pessoas, assim como a TCI que constrói redes de afetos, num espaço seguro, amoroso, alegre e repleto de esperança. Podemos, assim, considerar a TCI como uma pedagogia para o amor e por uma cultura de paz.



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

Dito isso, concluímos que tanto na TCI quanto na pedagogia freiriana é a comunidade que se empodera, pois “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 33).

Figura 2: Paulo Freire em um círculo de cultura em Angicos, 1963.



Fonte: Arquivo Paulo Freire.

Referências

BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia Comunitária Passo a Passo**. 3 ed. revisada e ampliada. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 22^a. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes Necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 2015.

FREIRE, Paulo. **Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

GIFFONI, Francinete Alves de Oliveira. **Saber ser, saber fazer:** Terapia Comunitária, uma experiência de aprendizagem e construção da autonomia. 07/11/2008.235 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2008.

MARTINI, Maria da Graça Pedrazzi. **E quem cuida de mim?** Um estudo sobre o cuidado, a autoestima e a criança interior. Porto Alegre, RS: Editora Caifcom, 2017.

MARTINI, Maria da Graça Pedrazzi. **Quando o passado ainda dói.** Porto Alegre, RS: Editora Caifcom, 2019.

MARTINI, Maria da Graça Pedrazzi. **Afinal, o que é morte, professora?** In: **Temas em Educação e Saúde**, vol 8. 2012, p. 221-258.

REIS, Maria Lucia de Andrade. **Quando me encontrei, voei.** O Significado da Capacitação na vida do Terapeuta Comunitário. Porto Alegre, RS: Editora Caifcom, 2017.

REIS, Maria Lucia de Andrade; SALERNO, Guilene. TCI e Educação – Terapia Comunitária Integrativa: uma proposta de construção do currículo escolar baseado no diálogo freiriano. In: **Terapia Comunitária Integrativa Sem Fronteiras:** Compreendendo suas interfaces e aplicações. Brasília: MISMEC/DF, 2011.

SOUZA, Marli Olina de; REIS, Maria Lucia de Andrade. Terapia Comunitária: o inédito viável no atendimento a famílias em comunidades. In: **Manual de Terapia Familiar.** volume 2, Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 135-147.